



NÃO PRECISAMOS DE MAIS UM MARQUETEIRO NA PRESIDÊNCIA, PRECISAMOS DE UM PRESIDENTE!

“ A Eletrobras não é eficiente em nada do que faz.” Diante de mais uma declaração intempestiva e deselegante do senhor Wilson Ferreira Junior, presidente da Eletrobras, à Folha de São Paulo em 30/09, as Federações :FNU, FRUNE, FURCEN, FTIUESP , a Confederação Nacional dos Urbanitários e o Coletivo Nacional dos Eletricitários – CNE, vêm contestar essa sandice e se solidarizar com cada trabalhador que tem, ano após ano, governo após governo, reconstruído e movimentado essa que é uma das maiores empresas de energia elétrica do mundo e que entrou para a história por intermédio da Carta Testamento do presidente Getúlio Vargas.

Essa empresa “ineficiente” seria a mesma que recebeu o prêmio de Empresa de Maior Prestígio no Setor de Energia, com base na qualidade, compromisso social/ambiental, propósito, confiança, tradição, inovação e admiração, entre outros atributos? Parece que não, senhor presidente, mas É!

Esse senhor precisa entender que não precisamos de um presidente midiático, já tivemos um

recentemente, precisamos de um presidente que saiba administrar com dignidade e ponderação.

Na entrevista que concedeu durante a premiação, o senhor Wilson Ferreira Junior disse que “Ser reconhecido é um ponto muito importante.”

Nós, trabalhadores e trabalhadoras da Eletrobras, também achamos, senhor presidente!

Precisamos de um presidente que reconheça, e, principalmente, respeite quem tem dedicado parte de suas vidas à Eletrobras, desde sua criação, em 11 de junho de 1962, há exatos 54 anos, 3 meses e 26 dias, num esforço cujo resultado é o aumento da capacidade instalada no país de menos 4.000 MW para mais de 100.000 MW nos dias atuais. Contestando a afirmação do presidente, e para servir de parâmetro para melhor conhecimento da Eletrobras e de sua importância na sociedade brasileira, reproduzimos texto do Instituto Ilumina(no verso), publicado em 04/10, que ratificam o pensamento e a posição das entidades de representação.



ATO CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DA ELETROBRAS DIA 11/10

As entidades convocam os trabalhadores e as trabalhadoras para participarem do Ato Contra o Desmonte, Privatização e Retirada de Direitos, dia 11/10 na porta da sede da Eletrobras, Edifício Herm Stoltz, às 10h00. Este será um

alerta para a sociedade sobre questão que vem preocupando a representação dos trabalhadores que é um verdadeiro saco de maldades proposto pela recém aprovada MP 735/16, que facilita privatizações no setor elétrico.

LEIA NO VERSO O TEXTO DO INSTITUTO ILUMINA

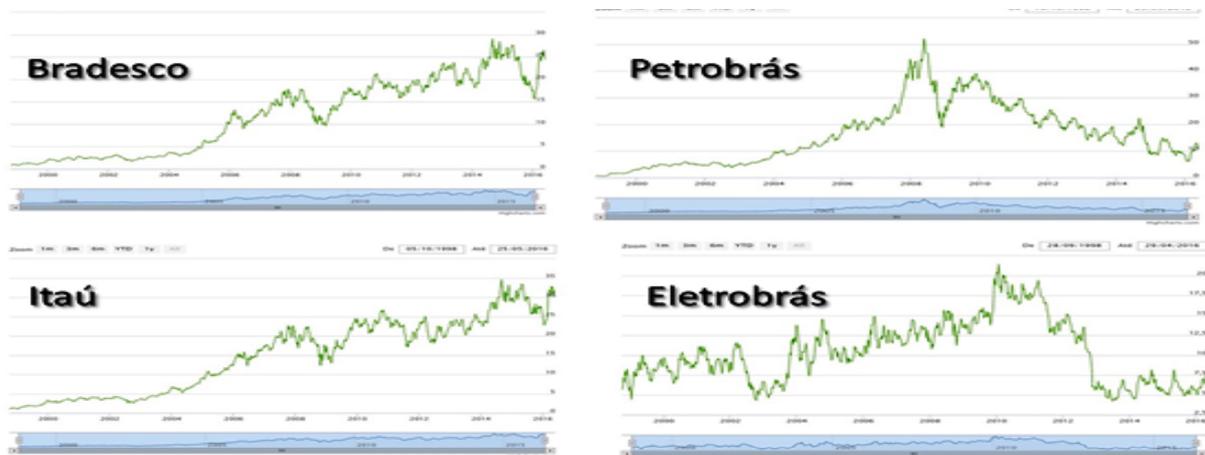
Análise do Instituto Ilumina sobre a Eletrobras

Bastaria dizer que desde a data de criação do sistema Eletrobras, a capacidade instalada brasileira passou de pouco menos de 4.000 MW para mais de 100.000 MW em 50 anos. Com certeza algumas pessoas irão “desvalorizar” o feito dizendo que outras empresas (hoje privadas) participaram desse esforço. Mais uma conveniente amnésia ao omitir que a Eletrobras era a coordenadora de todos esses esforços, pois, se os críticos esqueceram, o nosso sistema é interligado. O ILUMINA quer deixar bem claro o que estamos demolindo.

É preciso muito desprezo pela história e pelo conhecimento acumulado para dar uma entrevista nesse teor. O que é de deixar qualquer um pasmo é a ausência de críticas à “demolidora” MP 579 que, inutilmente tentou reduzir a alta tarifa brasileira às custas da Eletrobras.

Quem quiser conferir basta acessar a Nota Técnica no 385/2012-SER/SRG/ANEEL e conferir que usinas da Eletrobras foram obrigadas a aceitar condições suicidas pelo seu controlador majoritário, o governo. Tarifas que atingem menos de US\$ 3/MWh, uma bizarrice sem paralelo no planeta.

Qual foi o resultado concreto dessa medida? O gráfico abaixo dá uma exata dimensão do estilo adotado pelo governo. O caso da Eletrobras se destaca!



Como se vê, mesmo sendo difícil explicar como uma empresa do setor elétrico com ações nas bolsas de outros países perde 70% de seu valor na noite para o dia, tal evento parece que não passou pela cabeça do entrevistado.

O que foi destruído não foi apenas a empresa pública Eletrobras. O que desmontamos foi a capacidade de autofinanciamento do setor, pois, mantida essa filosofia, usinas antigas não geram 1 centavo para a construção de novas unidades.”